

CIVILIZADO E BÁRBARO: O POETA ILUSTRADO

Flávia Pais de Aguiar (UFF)¹

Resumo: Este trabalho propõe analisar como a poesia de Manuel Inácio da Silva Alvarenga (1749-1814), professor régio e poeta luso-brasileiro, esteve comprometida tanto com o processo de divulgação do desenvolvimento científico quanto com o pensamento ilustrado em voga que atravessava, não obstante aos códigos de comportamentos sociais, a concepção de um processo civilizatório (trans)formador de homens capacitados a executarem e prolongarem as mudanças que se processavam; para tanto, considera-se sua condição em conflito, uma vez que, embora tenha sua formação intelectual construída em território europeu e, portanto, civilizado, nasceu em terra bárbara, americana.

Palavras-chave: Poesia; Silva Alvarenga; Natureza; Civilização.

O poeta ilustrado no contexto setecentista.

Para refletir acerca da produção artística e/ou intelectual setecentista é necessário, antes de tudo, compreender todo um processo que modificou os códigos sociais e os padrões estéticos do Ocidente. Destaca-se, a partir desta perspectiva, o processo civilizatório, que foi gradativo e se espalhou no imaginário ocidental através de ideologias, mudanças de padrões comportamentais, progresso tecnológico, científico, econômico, cultural.

No contexto do século XVIII, a ideia de civilização atrelou-se ao do domínio da técnica e ao aprimoramento dos ofícios, bem como ao domínio das artes, da religião, das ciências, da filosofia, da moral e da vida política; a posse desses saberes e seu manuseio eficaz teriam a finalidade de preparar o homem para que participasse da e fosse útil à organização social. Ana Rosa Cloquet da Silva (2003), no artigo “A formação do homem público no Portugal setecentista: 1750-1777” vai apontar que o setecentos

assistiu a mais intensa transformação mental e social da época moderna, impulsionada pela ação de ideólogos e literatos imbuídos de um sentimento de inovação que se projetava sobre todas as ordens de coisas estabelecidas e pela crença na forma da razão transformadora. (2003, p.1).

Dentro de uma perspectiva de aprimoramento do homem, por via de vários processos que foram sendo incutidos e cada vez mais normativos, a organização da vida social e política aos moldes europeus, sobretudo os advindos da França, da Itália e da

¹ Graduada em Letras (UFF). Mestranda em Literatura Brasileira (UFF). Contato: flaviapais@hotmail.com

Inglaterra, tornou-se sinônimo de *civilização*. Presumia-se que os resultados da formação/educação se manifestavam com maior clareza e nitidez na vida civil – palavra derivada do latim *cives*, “cidadão”, donde vem *civitas*, a cidade-Estado, donde civilização.

Para compreender como ocorreu o processo civilizador, Nobeit Elias (1939) discute o conceito de cultura, que abrange, segundo o teórico, diferenças ligadas às identidades particulares de cada grupo ou nacionalidades. Elias tenta responder às perguntas sobre como os homens se tornaram educados e começaram a tratar-se com boas maneiras, ou, ainda como realmente ocorreu a mudança de comportamentos e sob que vias o processo civilizador se deu do Ocidente, em que consistiu, quais foram suas causas ou forças motivadoras.

Para tanto, analisa o conceito a partir de experiências que decorrem na França, Inglaterra e Alemanha. Para o pensador, tanto cultura quanto civilização lida com as diversas realizações do que movimenta uma sociedade, mas são contrárias em sua essência. Enquanto cultura se refere a um plano intelectual, abstrato, referenciado a partir da especificidade de uma só determinada sociedade, civilização liga-se a um plano prático e concreto em uma instância mais universal. No desenvolvimento da antítese entre Kultur e Zivilisation, Elias estabelece:

Em termos simples, sem interpretação filosófica e em relação clara com configurações sociais específicas, é expressa aqui a mesma antítese formulada por Kant, refinada e aprofundada no contraste entre cultura e civilização: ‘cortesia’ externa enganadora (*ou, para exemplificar, a prática do encômio*) vs. ‘virtude’ autêntica. (1994, p. 29)

E ainda, sobre isto, Elias (1939) aprofunda:

(É) difícil sumariar em algumas palavras tudo a que se pode descrever como civilização. / Mas, se examinamos o que realmente constitui a função geral do conceito de civilização, e que qualidade comum leva todas essas várias atitudes e atividades humanas a serem descritas como civilizadas, partimos de uma descoberta muito simples: este conceito expressa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo. (...) a consciência nacional. (...) a sociedade ocidental procura descrever a que lhe constitui o caráter especial e aquilo de que se orgulha: o nível de sua tecnologia, a natureza de suas maneiras, a desenvolvimento de sua cultura científica ou visão do mundo (...) (1994, p.23).

As transformações ocorridas, para além de mudanças nos códigos éticos e normativos da convivência em sociedade, atravessaram também o campo das ciências e da tecnologia, seguindo uma perspectiva, afinada ao Século das Luzes, de que o domínio das técnicas representaria o domínio da natureza, a fim de que desta se retirassem bens úteis aos homens.

Michel Foucault (1935), em *As Palavras e as Coisas*, verifica, neste sentido, que as histórias das ciências ou das ideias imputam ao século XVIII a curiosidade despertada em cientistas, intelectuais e pesquisadores, de “se não descobrir, pelo menos dar uma amplitude e uma precisão até então insuspeitadas às ciências da vida.” (1995, p. 139). À curiosidade atrelava-se necessariamente a ideia de progresso. No caso específico de Portugal, esta ideia progressista estaria ligada, sobretudo, ao progresso econômico.

Ressalta-se que o movimento ocorrido no campo das artes, incluindo principalmente a Literatura, não foi diferente. Antonio Candido (1987), teórico entusiasta das ideias progressistas e civilizatórias, assume essa perspectiva ao afirmar, em *Literatura de dois gumes*, que

(...) os padrões clássicos no sentido amplo, abrangendo todo o período colonial, foram eficazes por vários motivos e sob suas diversas formas: Humanismo de influência italiana, no século XVI, Barroco de influência espanhola, no século XVII, Neoclassicismo de influência francesa, no século XVIII. Em qualquer dos casos, tratava-se de uma disciplina intelectual coerente que levou a exigência a se exercer com rigor; isto lhe deu consistência e resistência na sociedade atrasada e por vezes caótica do período colonial. (1987, p.213-214).

E é a partir desse processo de transformação via discurso civilizatório que poetas e intelectuais do século XVIII vão alinhar-se a uma proposta político-educacional marcada pela urgência do desenvolvimento da técnica, tendo em vista uma série de objetivos. Um novo sistema educacional apareceria nesse contexto, não só como um instrumento de propagação de novas políticas econômicas e de desenvolvimento técnico e científico, mas também como instrumento de mudanças de costumes, hábitos e normas sociais, cuja finalidade apontava, sobretudo, para a formação de cidadãos aptos a servirem a pátria, promoverem “projetos modernizantes” e garantirem a estabilidade dos novos moldes civilizadores.

Acerca disto, em Ana Rosa Clochet da Silva afirma que “o ideal de educação aparecia como condição necessária à fecundação das transformações processadas no

plano político, ou ainda, como novo instrumento potencializador de intervenção no poder da realidade”. (SILVA, 2003, p.3).

Tendo em vista o papel fundamental do poeta enquanto propagador de ideias e pensamentos modernos no contexto setecentista, é pertinente abrir espaço para uma discussão acerca do lugar conferido à poesia frente ao desenvolvimento e crescente prestígio das ciências modernas; nesta discussão cabe observar como, na poesia, a representação da natureza em diálogo com a cultura perpassa uma série de códigos estéticos e reflete, também, o conceito de civilização.

Para tanto, propõe-se aqui observar tais desdobramentos na poesia do poeta árcade Manuel Inácio da Silva Alvarenga (1749 – 1814), especificamente nos poemas “Às Artes” e “O Cajueiro”. Caberá destacar o lugar contraditório ocupado pelo poeta: nascido em solo americano, tem toda sua formação intelectual ancorada em base europeia, pois frequentara estudos de Matemática e de Direito Canônico em Coimbra.

A partir disso, propõe-se investigar como a visão do poeta vai de encontro a um discurso civilizatório sem deixar de contemplar a legitimação dos trópicos americanos, observando ainda, seu *entrelugar* de civilizado (via formação cultural) e de inculto (via nascimento - natural).

O discurso civilizatório na pena do poeta americano.

A discussão acerca do lugar conferido à poesia frente ao desenvolvimento e crescente prestígio das ciências modernas, no contexto do Portugal Setecentista, merece atenção na obra de Manuel Inácio da Silva Alvarenga. Interessa aqui observar a identificação, no poema *O Cajueiro*, de um discurso entusiasta da concepção civilizatória e, portanto, engajado em um projeto modernizante que ampara a importância da cientificidade, mas que não coloca à margem desse projeto a natureza tropical.

Diante disso, o estudo crítico da obra de luso-brasileiros pode ganhar novas tonalidades ao se buscar compreender como suas poesias estiveram integradas à condição de ilustrado. No caso específico de Silva Alvarenga há de se destacar a atitude engajada manifesta em suas atividades como poeta, advogado e Professor Régio. Pode-se afirmar que o poeta nasceu em Vila Rica, Minas Gerais, era mulato e de origem humilde.

Quando jovem, já frequentava estudos preparatórios no Rio de Janeiro e, não muito depois, em 1771, principiava os estudos superiores na Universidade de Coimbra,

exatamente à época da reforma político-educacional empreendida por Marquês de Pombal; a reformulação do ensino, por carregar em seu cerne a concepção de uma transformação de toda base do saber, seria responsável pelo empreendimento da mudança econômica que urgia, principalmente, no contexto de Portugal. Gustavo Tuna (2009) verifica que

Se a pedagogia escolástico-jesuítica correspondeu a um atraso no ensino das Ciências e das Artes Liberais no Reino, o dado concreto é que a saída da ordem inaciana trouxe um desafio para o marquês de Pombal: o de reorganizar o sistema de ensino com vistas a realinhá-lo a um estágio que atendessem às necessidades do Estado. A ideia de realinhamento é plenamente justificada na medida em que o ensino na Universidade conimbricense, no campo político/filosófico e jurídico, havia se mantido alheio ao que se produzira e pensara após o Renascimento. (2009, p.26).

No campo das transformações, acreditou-se que a ideia de reformular o ensino estava atrelada, entre outras demandas, à formação de homens aptos a servirem à pátria; para tanto, a Educação precisava obter bases eficazes para imergir da esfera acadêmica e avançar para esferas sociais.

No cerne de toda reestruturação político-educacional estava a superação do atraso cultural do Reino como principal via de inversão da decadência econômica portuguesa. A importância da atuação de uma elite intelectual, nesse sentido, se dá à medida que era preciso focar no que Ana Rosa Clóchet da Silva chamou de “criação do instrumento humano capaz de executar as reformas voltadas para o diagnosticado atraso econômico e cultural.” (2003, p.8).

Mas não muito distante desta preocupação, houve também o que Maria Elizabeth Chaves de Mello (2009) identifica como uma preocupação em se refletir a ideia de nação; ou melhor, em suas palavras:

é a partir da difusão das Luzes e dos progressos da burguesia que a ideia de nação é especificada e desenvolvida, adquirindo a importância de hoje. De fato, no século XVIII, tradição da história cíclica providencialista é rompida, substituindo-se a fé pela razão, objetivo maior das Luzes. (2001, p. 31-39).

O entusiasmo com que Silva Alvarenga se dedicou às questões acadêmicas e às políticas pombalinas foi grande. As posições iluministas, antijesuíticas, bem como as novidades artísticas representadas por Basílio da Gama, membro da Arcádia Romana de

quem se tornara grande amigo no período estudantil, agradavam ao poeta e eram por ele defendidas explicitamente.

Concluindo seu curso em 1776, o poeta formou-se em Cânones e regressou ao Brasil (Vila Rica) em 1777, onde começou a exercer a advocacia. Mudou-se para o Rio de Janeiro e abriu, em 1782, um curso de Retórica e de Poética, tornando-se “um influente preparador de gerações (alguns de seus discípulos participavam ativamente no processo da independência do Brasil)” (LUCAS, 2002, p.20). Secretário da Sociedade Literária, o poeta inseria-se no então ambiente cujo caráter era menos literário do que científico, visto que a sociedade era composta basicamente por médicos. (MORATO, 2005).

No ano de 1788, Silva Alvarenga recita neste ambiente envolto de cientificidade o poema “Às Artes”, em ocasião de comemoração dos anos da rainha augusta D. Maria I. Ao encarnar, de forma contundente, o ilustrado luso-brasileiro, atribuiu à poesia, enquanto parte integrante de sua ação intelectual, tanto a iniciativa pedagógica quanto o compromisso com o desenvolvimento das ciências através de um discurso civilizatório.

A leitura do poema na Sociedade Literária em comemoração à rainha aponta para a existência de três vieses de discussão articulados entre si: as formas de sociabilidade vigentes, a prática do encômio e o caráter pedagógico da poesia. Interligados, esses aspectos convergem no debate sobre as ideias e a ação pública do poeta setecentista. Isto ganha importância quando se compreende o lugar que ocupa o discurso literário latino-americano no confronto com o europeu, conforme discursa Silvano Santiago (2000), em *Uma Literatura nos Trópicos*, após utilizar como exemplo a metáfora sobre o rei Pirro, de Montaigne:

(...) a metáfora guarda em essência a marca do conflito eterno entre o civilizado e o bárbaro, entre o colonialista e o colonizado, entre Grécia e Roma, entre Roma e suas províncias, entre a Europa e o Novo Mundo, etc. Mas, por outro lado, as palavras do rei Pirro, ditadas por certa sabedoria pragmática, não chegam a esconder a surpresa e o deslumbramento diante de uma descoberta extraordinária: os bárbaros não se comportam como tal – exclama ele. (2000, p. 12)

Comum à poesia árcade, o endereçamento da produção poética elogiosa à figura pública aparece em primeira instância e não configura, apenas, intenção encomiástica; pensava-se que o sentimento de gratidão e exaltação do monarca engrandecia e elevava, também, a pátria, dentro de um pensamento de que o governante mais do que

representar, simbolizava a nação. Dessa maneira, se “De gratidão, de amor e de ternura. / Tal é, Rainha Augusta, a Vossa Imagem.” (ALVARENGA, 2005, p. 122), assim será também a imagem da pátria portuguesa.

Verifica-se que Silva Alvarenga dispunha de um perfeccionismo sutilmente traçado em versos equilibrados e de emoções controladas; nesse sentido, a escrita do poeta não oculta sua filiação ideológica consonante aos ideais Iluministas ou Árcades, e a moderação e clareza com que produziu revelam as marcas do enciclopedismo que atravessa a sua obra.

Isto se ilumina, por exemplo, quando o artista remonta à Poesia o mesmo equilíbrio que há nas Ciências diversas, através de escolhas precisas de vocábulos e contextos. Tal fator pode ser verificado especialmente quando o poeta trabalha com a alegoria de um grande desfile das Artes, cuja atração principal é a reunião dos saberes em sua diversidade, desde o científico, passando pelo cultural, até chegar ao artístico.

No poema *Às Artes*², por exemplo, o poeta encena um desfile cuja atração principal é a reunião dos saberes em sua diversidade, desde o científico, passando pelo cultural, até chegar ao artístico. A Matemática, “grave matrona”, abre o desfile do poema. Não poderia ser mais significativo, sobretudo dentro do contexto Iluminista em que a Razão sobrepuja a Fé; dessa maneira, se dá a apresentação primeira de tal ciência, cuja precisão numérica confere exatidão aos movimentos do universo: “(...) a mão exata / Dos Planetas descreve o movimento; / Por justas Leis calcula, pesa e mede / Forças, massas e espaços infinitos.” (vv. 8–12).

Na sequência, a Física Experimental, responsável por conhecer as causas e os efeitos da Matemática, é colocada como “a Deusa” poderosa capaz de dominar a natureza. Através de seu domínio, o homem conhece as “(...) primitivas cores / Que formam a beleza do Universo” (vv. 26–27). Por suas Leis, compreende-se sob quais processos ocorrem os fenômenos naturais, como a queda dos raios: “(...)E o mesmo Jove, / Se troveja e fulmina, e reconhece / Que ela o move, o rege, ela o desarma.” (vv. 31– 33); é importante observar que nessa passagem o fenômeno da *secularização* também é afirmado positivamente, não só por vias do discurso científico, mas por via do discurso mitológico.

A Física permite, ainda, que o homem explore as inúmeras possibilidades oferecidas pelo Universo, desde adentrar e descobrir o espaço sideral: “Por ela Nauta

² MORATO, Fernando. In: ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva. *Obras poéticas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, pp. 117 – 123.

ilustre e valoroso / Vendo abaixo dos pés as tempestades, / Vai sobre as nuvens visitar a Esfera.” (vv. 37–39), até morrer em prol de grandes descobertas que terão utilidade para o bem social: “Funesta glória, que custou a vida / Ao novo Prometeu, que ímpio roubara / A sutil chama do Sagrado Olimpo.” (vv. 34–36).

E, dessa forma, o poeta vai apresentando as demais Artes, utilizando um discurso afinado ao seu tempo: História Natural, Química, Medicina, Geografia, História, até chegar à Poesia, que encerra o desfile e “(...) celebra os Heróis e eterniza / no Templo da memória o Nome e a Fama / dos Ínclitos Monarcas (...)”. (vv. 117–119); tendo às mãos instrumento belos e valiosos, a mais bela das Artes entoa, junto à Calíope, musa da Poesia Épica, coros de engrandecimento à sabedoria e elogios ternos, de gratidão à Rainha Augusta.

Nos versos que encerram o poema, Silva Alvarenga dispõe de uma elaboração poética que se enquadra na proposta do que seria a literatura empenhada, nos moldes do teórico e crítico Antonio Candido³. O caráter didático da poesia em consonância com a forma, livre do tradicionalismo das métricas e das rimas, ganha expressividade ou, ainda, caráter humanizador, quando a produção de Silva Alvarenga busca inserir a América, através da natureza tropical, no cenário do mundo ocidental, tirando-a do lugar do primitivo, do estranho e do não civilizado.

Isso acontece tanto nos versos que se pôde observar mais acima, em que “as produções da Sábia Natureza” (v. 63) servem como companheiras do progresso, quanto no uso da alegoria que se refere ao clima tropical e do discurso de gratidão do povo americano, que é também capaz de louvar e receber a modernidade, a civilização:

“Vejo por terra a estúpida e maligna
Corte da Ignorância: e se ainda restam
Vestígios de feroz Barbaridade,
O tempo os vai tragando: assim, as folhas
Murchas e áridas caem pouco a pouco
Dos próprios ramos nas regiões d’Europa
Quando, pesado, o triste frio Inverno
Sobre carro de gelo açoita as Ursas
E fere as nuvens com aguda lança.
Chegam por vós aos mais remotos Climas
Premiadas as Artes: eu as vejo,
Eu as ouço, juntas neste dia,
Entre os transportes de prazer entoam

³ O crítico discute o conceito de *Literatura Empenha* em *Formação da Literatura Brasileira*. CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira – Momentos decisivos 1750-1880*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

Ao vosso amável Nome (da Rainha Augusta) eternos hinos.
Eles voam, levando ao Céu sereno
Nas brancas asas os mais ternos votos
De respeito e de amor que vos consagra
Rude, mas grato, povo americano.” (vv. 61–78)

Assumindo o lugar do *outro*, do não-civilizado por nascimento, o poeta, civilizado por formação, tenta atribuir à sua literatura, fonte erudita artística, um espaço para a voz silenciada dos bárbaros:

A *fonte* torna-se a estrela intangível e pura que, sem se deixar contaminar, contamina, brilha ara os artistas dos países da América Latina, quando estes dependem de sua luz para o seu trabalho de expressão. Ela ilumina os movimentos das mãos, mas ao mesmo tempo torna os artistas súditos do seu magnetismo superior. O discurso crítico que fala das influências estabelece a estrela como único valor que conta. Encontrar a escada e contrair a dívida que pode minimizar a distância entre ele, mortal, e a imortal estrela: tal seria o papel do artista latino-americano, sua função na sociedade ocidental. (SANTIAGO, 2000, p.20)

A poesia recitada na Sociedade Literária, não em vão, entoa canções ao nome da rainha; cânticos esses que voam pelos céus serenos e levam à majestade o respeito e o amor do “rude” mas grato povo Américo. O poeta coteja com a ideia de conferir à sua terra, e conferir a si também, um espaço no mundo civilizado.

Pensando ainda nas contradições inerentes a Silva Alvarenga que, nascido em solo “inculto”, tal qual o cajueiro desgraçado⁴, filiou-se intelectualmente a uma terra que jamais lhe supriria um sentimento de pertencimento, faz-se compreensível a tímida, mas imponente tentativa de aproximação do discurso de civilização à natureza tropical.

O poema O Cajueiro, embora tenha um tom mais melancólico e menos esperançoso se comparado com “Às Artes”, ainda anuncia a fé no progresso e no engenho; os versos “Ser copado, ser florente / Vem de terra preciosa; / Vem da mão industriosa / do Prudente Agricultor.” (vv. 21 – 24) referenciam a modernização sob um olhar elogioso. Entretanto, a desesperança do poeta reside justamente na ausência da intervenção do “prudente agricultor” para modernizar o solo americano, conforme anunciam os versos: “Que a fortuna é quem exalta, / Quem humilha o nobre engenho; / Que não vale humano empenho, / Se lhe falta o favor.” (vv. 45 – 48).

⁴ O Cajueiro. MORATO, Fernando. In: ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva. *Obras poéticas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, pp. 223 – 225.

O elemento natural *cajueiro* é utilizado pelo poeta como referencial da natureza tropical, uma vez que a árvore é tipicamente brasileira, mas também como alegoria para si próprio: *Cajueiro desgraçado, / A que fado te entregaste, / Pois brotaste e terra dura / Sem cultura e sem senhor.* (vv. 1 – 4). Em ambas as formas de representação do cajueiro verifica-se a desesperança como lugar comum, uma vez que embora seja a América uma terra generosa em riquezas naturais, falta-lhe o favor, isto é, o investimento e o reconhecimento. Por sua vez, o eu-lírico, figurado como cajueiro desgraçado, denuncia, ainda que de maneira sutil, sua irreversível condição de bárbaro, pois ainda que tenha sua formação intelectual construída na Europa, berço da civilização, nascera em terra dura, sem cultura e sem senhor.

Com efeito, Maria Helena Rouanet, em *Eternamente em berço esplêndido*, anuncia características que podem ser atribuídas à poesia setecentista de Silva Alvarenga, produzida ainda sob os prenúncios de uma cor local: “(...) é possível ser nacional antes mesmo da existência de uma Nação instituída como tal; mas não é possível ser nacional sem ter olhos americanos devidamente voltados para tudo aquilo que caracteriza, de maneira intrínseca, a brasilidade.” (1991, p. 263)

Cumprir lembrar que os ideais de Silva Alvarenga, poeta setecentista “mais terno, mais brasileiro na sensibilidade rítmica” (CANDIDO, 2007, p.146), ainda que comprometidos e filiados à cultura europeia e sua concepção de progresso, não o permitiram renegar ou esquecer seu enraizamento em solo americano.

Conclusão

Propôs-se um estudo que conseguisse averiguar como na poesia de Manuel da Silva Alvarenga esteve expresso o compromisso do literato com o discurso setecentista que propunha estabelecer uma intensa transformação social sob bases progressistas.

A atitude educativa e a fé na ciência assinalaram a condição ilustrada do poeta árcade bem como referendaram o lugar conferido à lírica engajada. Entendeu-se que o louvor às ciências tematizado nos versos esteve implicado em assumir um discurso claramente civilizatório, ocupado em divulgar e exaltar o progresso científico. No entanto, o engajamento político-ideológico do poeta-ilustrado e homem público, ainda que comprometido e filiado à cultura europeia e sua progressão, não o fizeram renegar seu enraizamento no solo americano.

Considera-se de extrema importância redimensionar a sua diversificada atuação intelectual; isto significa conhecer com mais profundidade seu papel no universo

arcádico ultramarino e lusitano, afinal, um poema árcade pode ser lido para além de sua estrutura formal, pela sua interação com o contexto histórico no qual foi produzido.

Bibliografia

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira – Momentos decisivos 1750-1880*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

_____. Literatura de dois gumes. In. *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1987a.

ELIAS, Nobert. *O processo civilizador*. Tradução: Ruy 2. ed. Jungman; revisão e apresentação: Renato Janine Ribeiro. v.1, 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Ed Loyola, 2010

LUCAS, Fábio. *Autos da Devassa: prisão dos letrados do Rio de Janeiro, 1794*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

MELLO, Maria Elizabeth Chaves de. *Construindo o conceito de Literatura Nacional*. *Revista Gragoatá*. Nº 11, 2 sem. p. 31 – 39, Niterói, 2001.

MORATO, Fernando. Introdução. In: ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva. *Obras poéticas: poemas líricos, Glaura, O desertor*. São Paulo: Martins Fontes, 2005

ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional*. São Paulo: Ed. Siciliano, 1991.

SANTIAGO, Silviano. *Uma Literatura nos Trópicos*. São Paulo: Ed. Rocco, 2000.

SILVA, Ana Rosa Clochet da. A formação do homem público no Portugal setecentista: 1750-1777. *Revista Intellectus*. Ano 02, vol. II, p.1-31, 2003.

TOPA, Francisco. *Silva Alvarenga – contributos para a elaboração de uma edição crítica das suas obras*. Porto, 1994.

TUNA, Gustavo Henrique. *Silva Alvarenga, representante das Luzes na América portuguesa*. São Paulo, 2009.